

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÚCIA HELENA FERNADES REZENDE

**LITERATURA: CONSTRUÇÃO A BUSCA DE
DIÁLOGOS**

CAMPINAS

2006

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

LÚCIA HELENA FERNADES REZENDE

**LITERATURA: CONSTRUÇÃO A BUSCA
DE DIÁLOGOS**

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Professores em Exercício, nos municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2006

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Rezende, Lúcia Helena Fernandes

R328L Literatura : construção a busca de diálogos : memorial de formação / Lúcia Helena Fernandes Rezende. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-395-BFE

Ao meu avô José, que dedicou parte de sua vida
me ensinando a desvendar a arte nos pequenos
gestos.

Agradecimentos

Ao meu marido e às minhas filhas por terem compartilhado momentos de produção, preocupação e emoção desse memorial.

A colaboração da amiga Katia Panfiete Zia.

A diretora e coordenadora da EMEF Edereldo Rossetti da cidade de Arthur Nogueira, pela oportunidade e incentivo que me proporcionaram para realizar o Projeto de Incentivo a Leitura, de onde brotou o tema do meu trabalho.

Sumário

- Apresentação: Prazer e Compromisso.....02

I. MINHA VIDA E FORMAÇÃO

- Minha vida...Um palco iluminado.....04

- Uniforme e Rumo a Escola.....06

- Do Magistério para a Faculdade.....09

- Trajetória profissional.....	11
- Realização de um projeto.....	13
- Pés Firme na Unicamp.....	15
2. PRESSUPOSTO TEÓRICO	
- Educando criativamente.....	16
3. ATO DE LER	
- Prazer de ler.....	18
- Ler para se informar, para conhecer e para proporcionar prazer.....	21
- A leitura informacional.....	22
- A leitura do conhecimento.....	23
- A leitura do Prazer.....	25
- História lida.....	26
- O cordel unindo arte e poesia.....	27
- História contada e dramatizada.....	29
4. PROPOSTAS PARA SE TRABALHAR A LEITURA NA ESCOLA	
- Contos de fadas e seus valores.....	30
- A ética e a cidadania nas fábulas.....	31
- Histórias Infantis: Contribuições práticas.....	32
- A família compartilhando sua história.....	34
5- CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
6- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

Minhas estórias de Carochinha, meu melhor livro de leitura capa escura, parda, dura, desenhos preto e branco.

Eu me identificava com as estórias.

Fui Maria e Joãozinho perdidos na floresta.

Fui a Bela Adormecida no Bosque.

Fui Pele de Burro. Fui companheira do Pequeno Polegar e viajei com o Gato de Sete Botas. Morei com os Anõezinhos.

Fui a Gata Borracheira que perdeu o sapatinho de cristal na correria da volta, sempre à espera do príncipe encantado, desencantada de tantos sonhos

Nos reinos da minha cidade

Cora Coralina

APRESENTAÇÃO

PRAZER E COMPROMISSO.

Satisfação e prazer, palavras que resumem o meu sentimento em relação a oportunidade de falar das minhas memórias e do meu trabalho.

Não posso deixar de destacar também a palavra dificuldade. Dificuldade para reorganizar minhas idéias e transformá-las em representações gráficas, dificuldade em distribuir o tempo e conseguir um momento especial, tranqüilo, um encontro comigo mesma para que fosse possível voltar ao túnel do tempo e fazer uma reflexão sobre minha vida pessoal e profissional.

No decorrer do trabalho, no entanto surgem outras palavras, orgulho e respeito. Orgulho por ter tido a oportunidade de conviver com pessoas maravilhosas que ajudaram no meu crescimento profissional e pessoal; pessoas simples, mas com sentimentos puros como por exemplo, o respeito. Respeito pelos meus encantos e fantasias, respeito a cada fase que eu enfrentava.

Vejo-me como eterna aprendiz que se orgulha de suas raízes, ao mesmo tempo que me conscientizo sobre a evolução e as transformações das relações sociais.

Vivo, porém, numa busca constante, fugindo dos paradigmas que limitam o trabalho pedagógico. Acredito naquele que oferece ao aluno(a) oportunidade de expressão autônoma e de resgate de valores.

Trabalho que clama pela paz, pela igualdade de direitos e oportunidades, responsabilidade na preservação do ambiente, por uma vida saudável, pelo desenvolvimento da afetividade e sexualidade, que permita melhorar as relações interpessoais. Tudo isso de uma forma lúdica, direcionada pela literatura e pelo faz de conta.

Assim, inicio o meu memorial de formação, escrito para conclusão do curso de Pedagogia, específico para professores em exercício, oferecido pela Universidade Estadual de Campinas, Unicamp.

O tema escolhido é Literatura. Apesar de ser interdisciplinar, optei pelos Temas Transversais como eixo temático, por encontrar aqui bases para uma formação

integral do educando. Porém, outras disciplinas também me proporcionaram embasamento teórico para a realização desse trabalho.

Destacarei nesse trabalho, a minha infância e escolarização, descobertas e conquistas no caminho da literatura, que acredito que seja um importante instrumento de conscientização e transformação das estruturas sociais. Destacarei também na minha prática, propostas para trabalhar a leitura na sala de aula de forma lúdica, agradável, sem imposições. Conhecimentos pelo qual, foram adquiridos com a orientação de disciplinas disponibilizadas pelo curso Proesf.

I. MINHA VIDA E FORMAÇÃO

MINHA VIDA ... UM PALCO ILUMINADO

Eu nasci numa pequena cidade do interior de Minas Gerais (Bocaiúva). Cresci ao redor dos meus avós maternos, tios, tias e primos. Tínhamos um contato diário, mas domingo era o dia mais esperado da semana. Nele era possível vivenciar momentos fantásticos. Reuníamos-nos pra casa da minha avó e enquanto alguns adultos preparavam o almoço, outros jogavam baralho e conversavam adultamente. Nós (crianças) ficávamos no quintal tramando alguma coisa.

Brincávamos de casinha, de roda, de esconde-esconde, queimada, estátua e muitas outras brincadeiras. Mas o que eu realmente gostava era de brincar de teatro e preparar o material para que isso acontecesse (roupas, acessórios, fantoches e etc).

Combinávamos antecipadamente, ensaiávamos, montávamos o palco usando lençóis e toalhas de mesa debaixo do pé de manga. Esse era o nosso lugar favorito, pois aproveitávamos a sombra e os galhos para pendurar os lençóis, que lembravam lonas de circo. Depois de tudo pronto, íamos para a rua vender os ingressos. O público se apresentava 8 a 9 crianças. Fazíamos um suspense, mas tudo estava devidamente preparado. Cada um com sua fantasia (roupas e chapéus dos meus avós, algumas fantasias de carnaval que em segredo pegávamos emprestado do meu tio) e logo iniciávamos o espetáculo. Apesar de tudo muito simples, o público saía satisfeito, encantado com os shows dos palhaços, mágicos, bailarinas, bonecos confeccionados com caixa de papelão inspirados nos bonecos de Olinda e muitos outros personagens. Durante a semana íamos preparando todo material, depois de pronto, cuidadosamente guardávamos numa velha mala cedida pelo meu avô. Na verdade não a víamos como uma velha mala, ela tinha um significado especial, era uma mala mágica, que tudo ali colocado ganhava vida, era só fechar os olhos e imaginar.

Com o dinheiro arrecadado, íamos às compras na venda do Inácio. Comprávamos balas, pirulitos, pipocas e outras guloseimas para comemorar o sucesso da nossa apresentação. Nos divertíamos muito.

Nos divertíamos também fazendo piquenique em beiras de rios com maravilhosas cachoeiras. Saíamos bem cedo, pois o trajeto era feito a pé. Íamos felizes

cantando, pulando, correndo e brincando. Muitas vezes seguindo a linha do trem de ferro.

Não levávamos brinquedos, pois sabíamos que a natureza nos proporcionava esse presente. Cascas de árvores que se transformava em caminhas, mesas e pratinhos, sementes em comidinhas, sabugos de milho em bonecos e bonecas.

O meu avô, estava sempre presente em todas as brincadeiras. Sempre conseguia um jeitinho de se afastar por algum momento das rodinhas dos adultos e mediar as nossas brincadeiras. Ele era uma pessoa iluminada. Analfabeta, mas com uma bagagem cultural valorosa. Era baiano e viera para Minas ainda rapazinho. Adorávamos ouvir as histórias do seu trajeto. Ainda hoje, suas histórias são muito presentes. Como também, a forma que contava, seu jeito simples e calmo de falar. E ainda me permanece a dúvida: o que ele relatava era real?. Lembro-me como se fosse hoje, ele contava sobre suas aventuras na caatinga, fugindo desenfreadamente do bando de Lampião. Ficávamos atentos, paralisados. Contava de uma forma que nos sentíamos protagonistas das suas histórias. Chegávamos a sentir a aflição da fuga, o suor que corria em seu rosto e o cheiro da poeira. Permanecíamos ao redor do meu avô por horas e horas ouvindo suas histórias que nunca se repetiam, a não ser que pedíssemos. Mas, mesmo assim, sempre tinha algo a acrescentar.

Outro momento mágico era quando ele resolvia pegar a sua velha caixinha empoeirada. Nela guardava sua coleção de literatura de Cordel. Ele deixava que manuseássemos todos. Enquanto isso, nos explicava, que em sua terra eles eram encontrados amarrados em barbantes nos mercados para serem vendidos. Cada um retratava uma história. Mas os que mais me interessavam eram aqueles que contavam sobre a vida dos cangaceiros. “Para ser inteligente não é preciso ser intelectual ou cientista, basta criar histórias e inserir nelas lições de vida”. (Cury, 2001, p.89).

No mês de agosto se comemorava a Festa da Nossa Senhora do Rosário. E era meu avô quem organizava a parte festiva, ou seja, ensaiava os Catopês: homens que enfileiramente, tocavam vários instrumentos. Eles tocavam e dançavam alegremente pelas ruas, chamando atenção dos moradores, para a procissão que seguia, carregando carinhosamente a imagem da santa.

Nos finais do ano, ajudava a minha avó a montar o presépio para nos abençoar e para receber a Folia de Reis. Nos dias da visita, eu dormia ansiosamente na casa da minha avó, afim de assistir aquele espetáculo maravilhoso.

Assim cresci, nesse universo fantástico, cheio de sonhos e fantasias.

UNIFORME RUMO A ESCOLA

Iniciei a minha vida escolar aos 6 anos, no jardim da infância Dona Zinha Meira Um local agradável com fachadas verdes, assim como as cadeirinhas, mesinhas e armários.

O parque era pequeno, com poucos brinquedos, mesmo assim era muito divertido. Formávamos filas para brincar no escorregador, balanças e gira-gira.

Na frente do jardim como se dizia naquela época, tinha uma praça com árvores enormes e uma rampa de gramado, onde descíamos rolando e catando sementinhas que caíam pelo chão e que mais pareciam corações. Nesse local, brincávamos antes e depois das aulas.

Eu gostava muito de ir para o jardim. Sentávamos em mesinhas, o que possibilitava a troca de informações, piadas e brincadeiras.

Minha professora, Dona Luci, era muito carinhosa, gostava de cantar e de contar histórias. Ela me envolvia de tal forma que eu me sentia um pintinho, protegido pela galinha (mãe).

A idéia de um dia me mudar dessa escola me deixava triste, mas essa mudança fazia parte do sistema. E no próximo ano, inevitavelmente, isso iria acontecer. Essa mudança significava mais responsabilidades e menos tempo para brincar, indiscutivelmente. Na verdade, tudo isso me causava uma grande insegurança, medo.

Da 1ª série ao magistério estudei numa mesma escola. Nos primeiros meses tive muita dificuldade. Dificuldade de adaptação, pois aquela escola, era bem diferente do jardim: o prédio era gigantesco, assim como o número de estudantes, professores e funcionários.

Eu procurava um espaço para expor os meus conhecimentos culturais, meus sonhos, minhas fantasias, que tinham para mim um grande valor. mas meus professores não me ouviam, não me proporcionavam esse espaço.

Na verdade eu não conseguia me identificar com aquele local gigantesco e sem graça, com aqueles professores carrancudos que se preocupavam apenas em passar conteúdos. Ninguém brincava, porque não havia parque, ninguém sorria, porque não havia motivos e nem tempo para sorrir.

...Defendo a necessidade de se respeitar o direito á alegria, ao prazer, propiciados pelo componente lúdico da cultura, base de sustentação para a

efetiva participação cultural crítica, criativa e transformadora...(Marcelino, 1990, p. 66-67)

Tínhamos apenas que manter o olhar fixo na professora, em suas explicações, nas atividades que ela passava no quadro negro, nos cálculos orais que ditava...Nada daquilo me interessava. Na hora do recreio, eu ficava num canto olhando, admirando e tentando me acostumar com aquele local, com aquela mudança.

Minha mãe, apesar de pouco estudo me ajudava no que podia. Procurava atender os pedidos da professora, que jogava a responsabilidade do meu desinteresse na minha família. Ela deixava de lado seus bordados (ponto de cruz, rococó e etc) e para me incentivava encapava carinhosamente meus cadernos. Na primeira ,folha a de abertura, tinha sempre adesivos que deixavam meu material ainda mais bonito. Isso tudo me alegrava, mas não melhorava o meu desempenho na sala de aula.

Um dia ,porém, minha mãe resolveu comprar alguns livros de histórias, como: Branca de neve e os sete anões, O patinho feio, O soldadinho de chumbo, Girafinha Flor, tudo aquilo me deixou fascinada. E foi assim que tudo começou a mudar. Passei a me interessar mais pelas aulas, na esperança de aprender a ler e a desvendar todos aqueles mistérios escondidos nas letras que formavam as palavras. Aprender a ler foi para mim uma grande conquista, foi a descoberta de um universo fantástico. Com esse avanço, aos poucos fui me libertando da timidez e descobrindo o mundo a minha volta.

A educação que tive era baseado na obediência. Minha mãe insistia para que eu devesse obedecer sem discutir os mais velhos. Os professores eram donos da verdade e, portanto, toda criança devia calar, ouvir e obedecer sem contestar. Com isso, passei a viver insatisfeita, mas ainda não conseguia expressar esse sentimento. Era muito difícil, um pecado, ir contra as idéias da minha mãe.

Mas minha alegria recomeçava quando iniciava os ensaios das festas juninas. Minha mãe como sempre me arrumava e atrás daquela fantasia eu conseguia me encontrar. A escola mudava de cara, se tornava mais alegre. As barraquinhas de pipoca, canjica e milho verde me faziam esquecer o cenário escolar real, sombrio e sem graça.

A partir da 5ª série, lembro-me que havia um momento que também me sentia livre para me expressar. Era um desfile que representava a comunidade bocaiuvense, seus hábitos, os costumes, a sua cultura, enfim, a forma que víamos em nossa cidade. Sentia-me feliz, aproveitava a oportunidade para pesquisar mais sobre a minha cidade o, confeccionando cartazes com desenhos ou colagens. Meu pai que era marceneiro, colocava varetas nas laterais do cartaz para que os segurasse melhor na apresentação

para toda população que ansiosamente aguardava nas calçadas. Nesse momento me sentia tão importante...

Nas séries seguintes, comecei a insistir no meu direito de ser respeitada naquilo que sabia e acreditava. Comecei a amadurecer.

DO MAGISTÉRIO PARA A FACULDADE

Iniciei o magistério também desestimulada. Afinal de contas ,tratava-se, para a maioria de um curso para pobres, para moças que eram predestinadas a se casar e sustentar seus maridos. Apesar do meu descontentamento não tive outra opção, senão o magistério, pois, era o único curso gratuito e meus pais não tinham condições de arcar com as despesas de um curso particular.

No decorrer do magistério fui me envolvendo e descobrindo o universo do comprometimento com a educação, da grandeza do espírito de uma criança. Era portanto a oportunidade de fazer um trabalho diversificado, o oposto daquele que meus professores me proporcionaram. Aprendi muito e tudo era colocado em prática nos meus estágios, período incrivelmente tranqüilo.

Tédio mesmo foi o período de observação. Tinha que permanecer no fundo da sala como uma estátua, eu percebia que incomodava o trabalho da professora. Mesmo oferecendo ajuda para corrigir cadernos, rodar folhinhas no mimeógrafo, eu não agradava. A sala era dela, os alunos estavam sob a responsabilidade dela. Concluindo, aquele espaço era pequeno demais para nós duas.

Enfim, chegou o grande dia. Antecipadamente, fui convidada para realizar minha docência assistida na escola onde a minha professora de Didática era diretora. Para mim um grande prazer. Aula escolhida: Redação. Escolhi a gravura de um picadeiro onde o palhaço fazia a alegria do público. Preparei os alunos, fiz a exposição dando a oportunidade para que todos se expressassem. Quando preparados lancei a redação em forma de desafio. Foi um sucesso, fui elogiada pela minha professora de Didática que permanecia num cantinho da sala à observar.

Mais surpreendente ainda, foi a oportunidade de, 20 anos depois, de fazer Pedagogia na Unicamp. Uma oportunidade para ampliar meus conhecimentos através da parceria entre a Unicamp e as Prefeituras da Região Metropolitana de Campinas. Parecia uma sonho pensar que enfim o governo resolveu acreditar que era preciso investir na graduação para aqueles professores que, até então, não tiveram condições para arcar com as despesas de um curso de Pedagogia numa universidade particular. Sim, porque não estávamos preparados para enfrentar a concorrência de uma universidade pública, devido ao tempo que todas nós permanecemos fora da escola não quero portanto discutir a capacidade do ensino público.

Procurei controlar a minha ansiedade e me preparar para o meu primeiro vestibular.

Apesar de ser difícil, eu estava feliz demais, sonhando demais em um dia voltar a ser aluna. Estudante do curso de Pedagogia – Proesf, Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na Rede de Educação Infantil e Primeiras Séries do Ensino Fundamental da Região Metropolitana de Campinas . Era uma oportunidade de participar de um curso que visa a educação continuada a integração da experiência docente dos professores em exercício.

No dia do vestibular, como boa mineira que sou, cheguei mais cedo e aproveitei para conhecer um pouco da Unicamp. Fiquei surpresa com a arquitetura dos prédios, enfim com toda cidade universitária. Encerrei o meu passeio, para me concentrar no vestibular. Dirigi-me, porém, ao prédio indicado. Fiz a prova. Ansiosamente esperei o resultado. Felizmente fui aprovada.

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL

Logo que conclui o Magistério, vi a oportunidade de adquirir minha liberdade financeira. A minha ansiedade era grande e aos poucos a decepção, pois a profissão era muito concorrida e a falta de vagas para recém formados era inevitável. Era preciso paciência o que eu tinha.

Parti então para uma outra profissão na cidade vizinha. Comecei a trabalhar de repórter num jornal. Era muito interessante, mas a remuneração para iniciantes não condizia com minhas necessidades econômicas, como os gastos com transportes e a alimentação. Afinal de contas, eu não estava morando com meus pais.

Mas antes mesmo de desistir de tudo sem ter outro caminho à seguir, surgiu uma oportunidade de lecionar geografia para turmas de 5ª à 8ª séries. Algum tempo depois, comecei a trabalhar numa escola particular com as disciplinas Ed. Artística e Ed. Moral e Cívica.

Há 15, me mudei com minha família para o interior de São Paulo, Artur Nogueira, dando continuidade a minha vida profissional no ensino fundamental da rede pública como professora auxiliar.

Trabalhava dentro da sala de aula, ao lado das professoras. Assim pude perceber os problemas que as envolviam em relação aos alunos indisciplina, falta de interesse, dificuldades de aprendizagens, dificuldades de se expressar, alunos violentos que só pensavam em videogames com mocinhos e bandidos, armas nucleares e outros. Os professores nada faziam para criar o gosto pelo imaginário. Estressados por não conseguirem solucionar os problemas da classe, acabavam desvinculando a razão da emoção, afirmando ainda mais a indisciplina na sala de aula e no pátio.

Resolvi então, expor para a diretora e coordenadoras o que eu realmente acreditava: era preciso buscar o resgate do lúdico, do gosto pela expressão oral/corporal, do gosto pela leitura, pelo exercício dos sentidos e dos sentimentos era esse trabalho que, se me permitissem gostaria de fazer. Recebi o apoio esperado e a partir daquele momento eu passaria a trabalhar na biblioteca.

Transformei o que antes era apenas um depósito de livros pouco visitado por todos. Para isso, me coloquei na alma de uma criança, afim de compreender melhor os seus propósitos, transformar aquele local sombrio e solitário, num ambiente aconchegante e confortável. Redistribui as estantes e reorganizei os livros conforme o

gênero, para que os alunos obtivessem melhor acesso. Expus painéis convidando às visitas, painéis informativos com gravuras e textos sobre a importância e cuidados essenciais com o livro. Fiz uma homenagem a Monteiro Lobato aproveitando o mês que também o homenageava. Até me vesti de Emília personagem de uma de suas obras e apresentei aos alunos a nova biblioteca os objetivos, a composição do acervo, o regulamento, a classificação e os procedimentos. Brincando de faz de conta, eu, Emília , falei um pouco de minha vida e peripécias vividas no Sítio do Pica-Pau Amarelo.

REALIZAÇÃO DE UM PROJETO

Apartir daquele dia, cada classe visitaria a Biblioteca uma vez por semana, podendo desfrutar de atividades fantásticas e diversas como: apresentação de histórias contadas e dramatizadas pela bibliotecária, a mesma atividade efetuada pelos alunos; histórias lidas como crônicas, que prendiam atenção da classe; simulações de tribunal, onde era debatidos os atos dos personagens relacionada com a historia ouvida. Os alunos também tinham autonomia para escolher e levar para casa o livro que desejaria ler e também de fazer sugestões sobre a programação da semana seguinte.

A biblioteca oferecia prazer e não obrigação. Aos poucos, todos já estavam lendo e se sentiam à vontade para compartilhar com os colegas a história lida. Nesse momento especial, a criança se destacava sentando-se num banquinho do contador de história. Todas as atenções estavam voltadas para ela. O livro era apresentado o título, o autor e o ilustrador e logo após a história. Era emocionante, essa sensação acabava contagiando a todos e com isso 90% dos alunos já estavam lendo e expondo a história lida.

Eu também tinha o meu momento, contava a história usando recursos diversos e dramatizando. Os recursos eram confeccionados artesanalmente, mostrando para o aluno, que é na simplicidade dos gestos que se traduz uma grande emoção.

Nessa época, já freqüentando a faculdade, as disciplinas de geografia e ciências me despertaram mais ainda para a interdisciplinaridade, ou seja descobri que os livros antes trabalhados aleatoriamente poderiam oferecer aos alunos muito mais conhecimentos do que eu imaginava. Passei a vê-los com um olhar mais crítico e objetivo, e a me orgulhar mais ainda do meu trabalho. Antes, vivia angustiada, decepcionada por não ter a minha sala de aula. Percebi que eu trabalhava numa sala de aula riquíssima com conhecimentos por todos os lados. A falta da lousa deixou de ser um impecílio no meu trabalho. Descobri a interdiciplinaridade no meu espaço. Eu poderia através dos livros paradidáticos trabalhar geografia explorando as paisagens. Historia explorando o tempo e assim por diante.Com a disciplina Teoria Pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente, levei os meus alunos a fazer o Estudo do Meio. Os alunos fizeram o levantamento da quantidade de livros em bom estado, quantidade de livros danificados e perdidos. Diante desses dados os alunos montaram

gráficos da atual situação da biblioteca e estabeleceram regras para melhor conservação dos livros.

Os alunos passaram a se interessar mais ainda após descobrirem que realmente são autores e responsáveis por aquele espaço. Percebendo um despertar coletivo para contar e dramatizar suas histórias, resolvi lançar um concurso, “Maior Contador de Histórias do EMEF. Ederaldo Rossett”. Provoquei uma revolução. As classes eram divididas em grupos. Cada grupo escolheria um livro. Na primeira eliminatória, teria os representantes ou o representante de cada grupo, concorrendo internamente (na sala de aula). Posteriormente teria um representante de cada classe concorrendo com as demais.

Esse movimento agitou toda a escola, chegando até às famílias. Num trabalho compartilhado, os alunos procuravam conhecimentos, informações, críticas e opiniões para melhor apresentar seus trabalhos ,ou seja, as histórias trabalhadas.

Foi um sucesso. Me surpreendi com a desenvoltura e criatividade das crianças. Alguns recursos foram inspirados no meu trabalho como: fantoches de diversos tipos, flanelógrafo com personagens de feltro, TV confeccionada com a utilização de caixa de madeira, avental ilustrativo, teatro de sombra e maquetes. Outro recursos foram também inspirados na vivência dos pais e avós como bonecos de pano e marionetes.

Percebi, que esse evento motivou também os outros professores, que tinham uma visão estereotipada de cada aluno e homogeneizava a todos, desmerecendo seus interesses, habilidades e suas raízes culturais.

PÉS FIRMES NA UNICAMP

Cheguei à universidade em busca de maiores conhecimentos, de respostas para minhas dúvidas, que não eram poucas. O contato com professoras de outras redes me fez vivenciar experiências diversas. Era fascinante ouvir aqueles depoimentos que me proporcionavam sentimentos diferenciados, como alegrias, tristezas, descontentamentos, esperanças e outros.

É um curso em que todos os professores se sentem motivados, pois a prática é refletida, debatida e exposta para a classe, ocasionando assim, um elo ligando a teoria e a prática.

Durante as aulas de Teoria Pedagógica e Produção em Língua Portuguesa, pude perceber a importância de valorizar a bagagem cultural de cada aluno e aceitá-lo como ele realmente é. Dando oportunidade para que se expresse, descobrindo assim seus interesses e habilidades.

O professor precisa ser criativo, dinâmico, consciente, aberto para novas informações e preparado para defender o seu ponto de vista que nem sempre é aceito pelo sistema e pela família. Sistema que impõe uma educação que desrespeita as diferenças individuais dos alunos e a família, que diante do sistema capitalista, se preocupa apenas em trabalhar a fim de oferecer para os filhos bens materiais, repassando para a escola a responsabilidade de educar, cuidar, dar afeto exigindo uma educação tradicional, com cadernos cheio de lição.

Cabe ao professor descobrir e incluir em seu trabalho a literatura. Incluindo aí a oportunidade para que o aluno se expresse, busque e construa seu próprio conhecimento, construindo seus valores éticos, morais, descobrindo as necessidades e a importância de exercer a cidadania, sua responsabilidade com o ambiente, a importância de aceitar as diferenças individuais de cada um. E através da literatura que o professor permita que o aluno se emocione e se deixe emocionar. Esse é o trabalho que exerci, que acredito, e que melhorei com os conhecimentos e informações adquiridos no decorrer do curso. Portanto, o tema do meu memorial.

II- PRESSUPOSTO TEÓRICO

EDUCANDO CRIATIVAMENTE

Criar é o ato de originar alguma coisa. Ser criativo é viver adaptando formas de expressão às necessidades da vida. O processo criativo está em desenvolvimento, quando somos capazes de criar ou recriar determinada situação com a qual nos deparamos. (WEIGEL, apud PFÜTZENREUTER, 1999, p. 5)

Criar, abrange vários significados e vários sentidos. O criar surge também, por meio de conflitos desafiadores, que o professor lança em suas aulas. Acredito que em minha profissão criar seja uma necessidade para que se possa alcançar objetivos pré estabelecidos. A criatividade é um tema que vem sendo estudado há décadas; vem se tentando explicar seus processos, procedimentos, suas técnicas, instrumentos, ambientes favoráveis, desfavoráveis ou desafiadores, produtos criativos, características das pessoas criativas, sua linguagem, e sua expressão. Ainda hoje, os estudos sobre este tema são de grande valia, gerando polêmica, mas que continuam crescendo e se expandindo, gerando novas pesquisas e discussões.

O termo *criatividade*, deriva do latim “CREARE”, que significa engendrar, dar a luz, fazer algo novo, produzir; e do grego “KRAINEM”, traduzido como realizar. Portanto, pode-se dizer que criar seria pensar, inventar, produzir e até realizar algo novo e diferente.

Partindo do pensamento de Platão, a criatividade era um momento de criação em que o artista perdia o controle sobre si mesmo, passando ao domínio de um poder superior, neste caso, tomado por uma inspiração divina (Kneller, 1978, p.86). Hoje ultrapassamos essa crença e sabemos que qualquer pessoa é capaz, se assim o desejar, de fazer algo novo, utilizando suas próprias capacidades, habilidades e motivação.

A escola pública, vem se esforçando para melhorar o padrão educacional oferecido. Acredito que conseguirá alcançar seu objetivo se for investido na criatividade do professor dando autonomia para que o aluno se expresse, propondo situações de aprendizagem que permitam que ele assuma o papel de agente na construção do próprio saber. Para isso é preciso que haja mudanças, trazendo a realidade para a sala de aula, a contextualização, a problematização e a aplicação de procedimentos de pesquisa dando mais vida ao currículo escolar, que servirá como instrumento de formação de cidadãos livres, conscientes e engajados na luta pelo bem comum.

O mundo contemporâneo exige dos indivíduos criatividade, ou seja, que eles sejam sujeitos que se arrisquem ao novo e ao desconhecido. A linguagem literária proporciona essa criatividade.

“ Desse modo, a utilização de metodologia que despertem o interesse pelo texto literário desde as primeiras séries contribuirá, gradativamente, para formação profissional do aluno, uma vez que a linguagem literária pode dar melhores condições de aquisição de um saber mesmo técnico, através do estímulo à capacidade de interpretação, que permitirá ao indivíduo situar-se melhor no trabalho. Com isso, a escola estaria cumprindo sua missão de educar não só para o trabalho como para a vida, pela interação da literatura com a realidade e pela utilização da literatura como meio primordial de promoção do pensamento crítico.” (Mello. 1986, p 67)

Para estimular a criatividade em seus alunos, é necessário que o professor seja também criativo.

Mas na realidade, nos deparamos com professores cansados e com excesso de trabalho, faltando-lhes tempo para abastecer-se de criatividade, porque precisam se preocupar com requisitos básicos de um programa estereotipado. “Quanta delinquência acabaria se um professor soberbamente remunerado tomasse, como um médico, a responsabilidade da educação e a orientação geral de dez ou doze jovens!”(Alencar, 1993. p115)

Acredito que seria necessário uma mudança no sistema, que não visa educar indivíduos e sim multidões. Uma mudança que possa nutrir a criatividade, que não separe alunos em “criativos” e “não criativos”. Que se invista numa educação de qualidade capacitando professores, para que estes estejam conscientes da importância de estimular a produção de idéias, fortalecendo o desempenho criativo nas demais disciplinas. Que o professor não se preocupe apenas em ensinar a pensar, mas também ensinar a sentir, oferecendo aos alunos um ambiente propício à construção de idéias, à troca de experiências e ao resgate da cultura brasileira que é tão rica e pouco valorizada

O PRAZER DE LER

Ler é viajar pelo passado, presente e futuro, é percorrer por todos os recantos da terra sem sair do lugar. É poder dialogar com os homens e as mulheres mais notáveis que a humanidade já produziu. É descobrir que o mesmo livro lido em momento diferente de nossa vida se transforma em outro revelando significados dos quais antes não suspeitamos (BORGES, 1958, p 20)

Boa parte da desordem na sala de aula diz respeito a repreensão da energia criadora, por parte de alunos e também de professores, que se sentem engessados pelos regulamentos planejados. Assim, aulas que desprezam recursos como a literatura, são rotineiras, causando indisciplina e insatisfação. Os professores às vezes se esquecem que é função da escola ensinar e estimular a leitura, mas antes disso é necessário que eles também gostem de ler. Infelizmente o que encontramos hoje são professores não leitores, alienados, sem entusiasmo e sem repertório de leitura. “A crise da leitura não é de hoje, ela vem se arrastando ao longo de todo processo histórico.” (Silva, 1991, p 119) Infelizmente, o professor em sua formação não possuiu um embasamento teórico que pudesse lhe oferecer condições necessárias para trabalhar a literatura com seus alunos. Diante dessa dificuldade, a leitura trabalhada de forma ultrapassada e retrógrada, acaba ocasionando um elemento motivador de evasão e repetência escolar. Isso graças aos procedimentos pedagógicos, que desconsideram as características específicas dos seus alunos. Por outro lado a seleção de textos disponíveis aos alunos, não aguça a curiosidade e o interesse. Enfim, textos que não foram analisados anteriormente pelo professor. Outro problema que também detectei em minhas pesquisas e que ocasionam o desinteresse pela leitura é o uso de textos distribuídos aos alunos sem antes prepará-los com conhecimentos prévios ou seja, as referenciais culturais a serem propostos e estudados. Essas distorções, precisam ser combatidas em nossas escolas. O sistema educacional precisa de professores – pesquisadores e mediadores, que lancem mão de textos que dialogue com o interesse do aluno e que sirvam de apoio, e não de substitutos aos conhecimentos a serem transmitidos e assimilados.

Um das maiores autoras infanto-juvenis do Brasil, Ana Maria Machado, revela numa entrevista que não só literatura, mais a arte e toda a cultura criadora e

questionadora, não estão sendo bem trabalhadas nas escolas. Segundo ela, esbarram na burocracia, no currículo, no horário que não reserva espaço para que as crianças leiam. Ela afirma que a literatura permite sonhar, enfrentar medos, vencer angústias desenvolver a imaginação, viver outras vidas, conhecer outras civilizações. Além de nos dar acesso a uma parte da herança cultural da humanidade. “Ninguém contrata um instrutor de natação que não sabe nadar. Mas temos professores que não lêem”. (MACHADO, 2001, p.21).

Portanto, a criança deve ter contato com livro a partir dos 6 meses de idade. Uma leitura sem letras, com livros que podem ser tocados. Essa interação tende a provocar prazer desde o início. Por isso, o professor deve respeitar seu direito de manusear, folhear, morder, mastigar, amassar, molhar, enfim, permitir que a criança sinta o livro com o corpo inteiro de diferentes formas, são chamados de objeto-livro.. Para isso, existem livros de material plástico e de tecido, permitindo que o bebê use sem danificá-lo.

O mercado também oferece livros enormes, dando a oportunidade para que a criança possa apreciá-lo deitada ou em outra posição que preferir. Existem livros também tridimensionais sanfonados, com páginas que se encaixam. Neles as crianças se sentem dentro da história apresentada. Há os livros sem textos, proporcionando a criança a oportunidade de criar sua própria história.

Durante as aulas de Educação Infantil, pude aumentar meus conhecimentos, através das aulas teóricas e práticas compartilhadas com as alunas-professoras. Gostaria de destacar como primordial, a apresentação de trabalhos, onde cada grupo teve a oportunidade para mostrar a sua criatividade em contar histórias usando vários recursos tridimensionais. O meu grupo apresentou a história: Sonho de princesa, da autora Katia Canton. Antes de começarmos a contar a história pedimos que todas imaginassem como seria uma princesa, seus cabelos, olhos, lábios, cor da pele, corpo (gorda ou magra), cintura, trajes e acessórios. Feito isso, retiramos de dentro de uma caixa, trabalhada com papel dourado, uma princesinha, confeccionada com material rústico como a palha de milho. A surpresa foi grande, pois a realidade estava distante daquilo que todas idealizaram. Mesmo assim as todas se apaixonaram pela simplicidade e beleza da personagem e também pela história ouvida. Trabalhamos o olhar, o cuidado que o professor deve ter em escolher livros em que os alunos se sintam incluídos. Outro momento marcante dentro dessa disciplina foi uma aula compartilhada com a turma A, em que a professora Beatriz nos disponibilizou imagens de escolas infantis brasileiras

que incluem no seu modelo pedagógico a multiplicidade de linguagens e formas de expressão.

Esse fascínio, entre o livro e a criança, deixa bem claro para mim que resulta em afetividade e interação. Pode ser um grande aliado do professor

Nas crianças maiores, o professor deve dar oportunidade, além da escolha do livro de seu interesse, a oportunidade de manuseá-lo, folheá-lo, de discutir, criticar e reconstruir, num ambiente aconchegante em que o aluno possa dispor de lugares e acentos confortáveis, estantes com livros ao seu alcance, um local acolhedor.

LER PARA SE INFORMAR, PARA CONHECER E PARA PROPORCIONAR PRAZER

O ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.(FREIRE, 1985, p. 11)

O aluno precisa se interar com um acervo variado para que seus conhecimentos não fiquem limitados. Que essa possibilidade remeta-o à análise da realidade da sua cidade, do seu país, do seu planeta.

O acervo pode ser dividido em 3 categorias básicas: informação, conhecimento e prazer.

A LEITURA INFORMACIONAL

Se ler for tomado como um ato libertador, como uma prática provocadora de consciência de fatos sociais por parte do povo, então é interessante ao sistema dominante que as condições de produção da leitura sejam empobrecidas ao máximo, ou seja, que o acesso ao livro e a um certo tipo de leitura (a crítica transformadora) seja dificultado ou bloqueado. Assim, manter ou fazer aumentar a taxa de analfabetismo do país (...), consolidar o caráter culto, erudito e sagrado do processo de escritura, desvincular a leitura do trabalho, dismantelar a imprensa operária e marginal, folclorizar as produções escritas do povo, sorrir diante do fechamento das livrarias nacionais, impor ou forçar o rebaixamento da qualidade da leitura nas escolas, controlar o teor dos livros didáticos, postergar ad eternum a implantação de bibliotecas escolares,...)dificultar a distribuição e o consumo de livros no país, explorar o máximo o trabalhador de modo que não lhe sobre tempo nem recursos para ler, etc. ...etc. ... são marcar de uma política que certamente não privilegia a popularização do livro e da leitura em nossa sociedade. (SILVA, 1983, p.36)

É encontrada nos periódicos e levam alunos e professores, cidadãos a analisar a evolução dos fatos sociais.

Cabe ao professor, demonstrar ao aluno a necessidade de se manter informado. Isso, através de textos que deixem claro as conseqüências de um cidadão alienado sem instrução.

Eu trabalhei a fábula “A razão do mais forte”, onde as crianças debateram sobre o assunto, relacionaram os personagens da história ouvida com os personagens reais da nossa história, simularam o programa VOCÊ DECIDE e concluíram que é preciso ler para adquirir informações necessárias sobre seus direitos e deveres. Deveres que devem ser cumpridos e direitos que devem ser reivindicados, não permitindo que as injustiças sociais direcionem suas vidas. Muitos alunos reconheceram não ter contatos com jornais em casa, passariam portanto valorizar essa leitura na escola e levar as notícias para a família.

A LEITURA DO CONHECIMENTO

Está diretamente relacionada com os processos de pesquisa e estudo. Uma oportunidade do aluno construir e buscar seus conhecimentos.

Mas o que encontramos muitas vezes são bibliotecárias autoritárias, que roubam o estímulo da pesquisa.

Me lembro muito bem, que durante o primário e o ginásio (ensino fundamental) eu freqüentava a biblioteca, apenas para fazer pesquisas. Era um local muito organizado e a bibliotecária, dona María, nos atendia na porta com “uma cara de poucos amigos”, nos perguntava grosseiramente sobre o tema da pesquisa, nos indicava a mesa que deveríamos permanecer e ela mesma ia à estante retirava o livro e nos entregava.

De maneira grosseira repetia as regras da biblioteca. Começávamos a pesquisa, que na verdade não passava de uma simples cópia.

Freqüentar a biblioteca era muito desagradável. Não reconhecíamos aquele local como nosso. Então, diante das reclamações dos filhos, muitos pais como os meus resolveram comprar algumas enciclopédias e formar em casa uma biblioteca particular. Pela primeira vez eu poderia folhear os livros, compartilhar com meus irmãos as gravuras e textos. Eram coleções lindíssimas como Barsa, Tropical e outras.

Aprendi com as aulas de Educação Infantil, a importância de oferecer aos alunos um ambiente acolhedor. Esse conhecimento mudou a minha prática. Apartir da necessidade do aluno é que eu passei a organizar o material e mobílias.

Durante as visitas eu afirmava sempre que a biblioteca era um local que pertencia a todos, sendo assim era de responsabilidade de todos zelar por ela.

Eu trabalhava os cuidados e deveres de forma lúdica através de cartazes com desenhos que mostravam o “livrinho” machucado, molhado, rabiscado, abandonado com as seguintes frases: Não me molhe; Não me rabisque; Não me suje; Não me rasgue. Assim as crianças conscientes dos cuidados com o livro, conscientes de seus deveres e direitos , freqüentavam a biblioteca com prazer e responsabilidade.

Tinham a liberdade de manusear os livros e periódicos, de pedir minha ajuda quando necessário, de debater e discutir respeitando os outros colegas que também estavam pesquisando.

Os alunos não se sentiam sozinhos, nem pressionados durante as pesquisas. No momento certo era feita a intervenção, orientando e organizando idéias. Dessa forma eles se sentiam seguros.

De forma lúdica, a ética e cidadania era trabalhada.

A biblioteca era muito rica, mesmo assim recebia sempre doações dos alunos e de seus familiares.

A LEITURA DO PRAZER

Conduz à poesia e a outros gêneros literários.

É exatamente o mais prejudicado num ambiente escolar, devido os desvios que o sistema de ensino desencadeia. Ao invés do prazer, criam-se autoritarismo da obrigação, do tempo pré determinado para a leitura, da ficha de leitura, da interpretação pré fixada levando ao desgosto pela leitura e a morte paulatina dos leitores.

Concordo com as frases de Rubem Alves numa entrevista que diz: “A escola insisti em estragar a leitura. Ela deve ser uma coisa solta, vagabunda , sem relatório.”(ALVES, 2002, p. 47).

As histórias podem ser lidas, contadas e dramatizadas. Tais possibilidades devem ser escolhidas de acordo com as atividades desenvolvidas em classe.

Após reflexões em sala de aula sobre a importância de valorizar e acreditar na autonomia do aluno, mudei a minha prática, passei a direcionar o meu trabalho visando a necessidade e interesse do meu aluno. Permitindo que tivesse mais liberdade para escolher os livros, folheando, consultando o texto e suas imagens, sem pressão. Passei à respeitá-lo também quando se recusava ler. Decidi à não me opor quanto a sua decisão. Vendo porém os colegas concentrados na leitura, compartilhando suas histórias, seguia o mesmo caminho, ou seja escolhia minuciosamente o livro de seu interesse e passava a participar daquele momento de interação com a leitura.

HISTÓRIA LIDA

“A leitura em voz alta nos proporciona um poder de análise que a leitura muda nunca conhece”(FERRY, 1882, p. 35).

A história lida vem buscar o prazer da escuta, da narração, a curiosidade do saber, autonomia do pensamento.

Destacarei a literatura de cordel que ao ser lida em voz alta fica ainda mais prazerosa.

O CORDEL UNINDO ARTE E POESIA

A literatura de cordel é uma poderosa manifestação da cultura popular nordestina. Continua sendo impressa de forma artesanal em papel jornal e ilustrada com xilogravura; esta é resultado da impressão feita com uma espécie de carimbo talhado numa matriz de madeira. Essa técnica já era conhecida na antigüidade e foi utilizada na Europa no séc. XV, para ilustrar cartas de baralho e imagens sacras. De lá veio para o Brasil em 1808 com a imprensa Real Portuguesa.

A literatura de Cordel, é vendida em feiras, mercados e locais onde se aglomeram amantes da poesia. Continua sendo uma das formas de comunicação mais autênticas nas pequenas cidades do nordeste.

Aproveitando um fato histórico ou um acontecimento marcante, os cordelistas produzem um relato popular e poético. Os temas ilustradores da literatura de Cordel são:

- ⇒ ROMANCES: história de amor não correspondido, virtudes ou sacrifícios.
- ⇒ CICLO MÁGICO E MARAVILHOSO: que falam de príncipes, fadas, dragões ...
- ⇒ CICLO DO CANGAÇO E RELIGIOSO: apresenta o imaginário nordestino ligado a figuras como Lampião, Frei Damião ...
- ⇒ HISTÓRIA DE VALENTIA: Apresentam personagens lendários na região.
- ⇒ ANTI-HERÓIS: Falam de nordestinos que vencem mais pela esperteza do que pela força. Exemplo: João Grilo, Pedro Malazarte e outros.
- ⇒ HUMORÍSTICOS E PICARESCOS: São os mais populares. Exemplos:
- ⇒ MORAIS: Deixam uma lição.
- ⇒ PELEJAS: Relatos de cantorias entre repentistas.
- ⇒ FOLHETOS DE DISCUSSÃO: Apresentam dois pontos de vista sobre uma mesma questão.
- ⇒ OUTROS GÊNEROS: Há ainda folhetos de conselhos,, profecias, descarração, política, educação e aqueles feitos sob encomenda.

O professor levando para sala de aula a literatura de Cordel, terá oportunidade de trabalhar a interdisciplinaridade, atraindo atenção dos alunos que certamente retribuíram com resultados surpreendente, como aconteceu comigo, ao perceber certo preconceito em relação à alunos de origens nordestinas durante as visitas na biblioteca. Apresentei-lhes alguns folhetins de Literatura de Cordel. Para falar sobre o assunto pedi ajuda daqueles que conviveram com esse tipo de leitura. Os alunos pesquisaram,

buscando mais conhecimentos, em grupo e orientados pelos alunos nordestinos usaram pedaços de madeira Pinho, fizeram a xilogravura, escolheram um tema e produziram o texto. Para finalizar, os trabalhos foram colocados em exposição atraindo familiares. Esse assunto foi levado para sala de aula, onde seus respectivos professores trabalharam a intedisciplinaridade. Enfim, as crianças passaram a valorizar as diversidades culturais derrubando as barreiras do preconceito.

HISTÓRIAS CONTADAS E DRAMATIZADAS

O mestre dos mestres foi um excelente educador porque era um contador de parábola. Cada parábola que ele contou a dois mil anos era uma rica história que abria o leque da inteligência, destruía preconceitos e estimulava o pensamento. Este era um dos segredos pelos quais ele vivia rodeado de jovens. (CURY. 2003,p. 49)

A literatura infantil é uma grande aliada dos professores para romper com medos, preconceitos, indisciplina, direitos e deveres dos cidadãos, na relação que o leitor estabelece com sua vida, através da recontagem das histórias, das discussões, das encenações, das histórias produzidas em grupo. Quando transformei a biblioteca em um tribunal, consegui levar os alunos a criticidade, a expressar livremente suas idéias, ampliando sua visão política e social. Foi o que aconteceu quando trabalhei a história O pote vazio, do autor Demi. Após debate e discussões as crianças concluíram a importância da honestidade, citaram vários exemplos, relacionados com a vida real.

Mas não basta ter em mãos um bom recurso, é preciso de amor, dedicação e sensibilidade para entrar no mundo de nossas crianças.

A literatura infantil tem o poder de fazer a criança refletir sobre si e sobre a sua relação com o mundo. Cabe ao professor, permitir que isso aconteça, dando oportunidade para que a criança leia. E então, livre e gradativamente, com a intervenção do adulto, ela construirá a sua autonomia, descobrirá a diversidade da nossa cultura e traçará caminhos que futuramente deseja seguir.

III. PROPOSTAS PARA SE TRABALHAR A LEITURA NA ESCOLA

CONTOS DE FADAS E SEUS VALORES

A criança em o contato com o pensamento mágico dos contos de fadas, aproveitaram a vivência dos textos e tornaram melhor preparadas para enfrentar os problemas que inevitavelmente surgirão.

Cabe o professor, levar essas histórias lindas, capazes de povoar o imaginário infantil de ricas fantasias, permitindo ainda que os pequenos liberem seus sonhos, criando possibilidades para que levantem hipóteses sobre as histórias e apontem as relações entre os acontecimentos.

Fica muito mais divertido trabalhar valores usando contos de fadas. As histórias: “O Patinho Feio” e “O Soldadinho de Chumbo” é uma excelente forma de trabalhar as diferenças. As crianças que sofrem preconceitos ou são preconceituosas terão a partir dessas histórias, a oportunidade de refletir e se transformar.

Certa vez, resolvi inventar e contar aos alunos a história: A mãe dos três porquinhos. Usando fantoche de vara fascinei os alunos contando a aflição daquela pobre mãe ao ver seus filhos despreparados seguindo uma vida independente, longe dos seus cuidados. Após a apresentação, houve o debate onde muitos revelaram a importância de obedecer os pais e os riscos reais que uma criança corre ao fugir de casa, como ser seqüestrada, abusada sexualmente e etc.

A ÉTICA E A CIDADANIA NAS FÁBULAS

Sabemos que os objetivos norteadores da educação é o de formar cidadãos pensantes, críticos, autônomos, criativos, justos, solidários sensíveis e éticos. E são nas fábulas, histórias mágicas passadas de geração em geração, que se encontram formas mágicas de se resgatar a ética e a cidadania. Pois, ao retratar os animais, nos faz refletir sobre o comportamento humano. Após a leitura da fábula “A razão do mais forte” de Pedro Bandeira, a criança sentirá na pele os apuros que os animais passaram com a falta d’água. Esse contexto pode se transformar em um alerta, reflexão com risco de um dia passar pela mesma situação. Os fatos acontecidos nessa fábula, podem ter várias relações com a vida humana em sociedade.

Quantas vezes levamos a culpa de um ato mal feito por não encontrarmos argumentos para nos defender? Quantos corujões, existem por aí, incriminando inocentes e inocentando culpados? Quais os motivos que levariam uma pessoa a cometer tamanha injustiça? O provérbio popular, “A voz do povo é a voz de Deus”, está de acordo com o fato acontecido na fábula? Que outras histórias retratam injustiça como essa? Citando agora outra fábula “A formiga e a neve”: Como agiríamos se encontrássemos uma pessoa (formiga) aflita, implorando por socorro? Quantas crianças não se vêem, na imagem da formiga ao implorar por socorro, atenção e carinho e esse pedido é recusado pelo pai, mãe e professor.

Após a leitura e a reflexão das fábulas a criança estabelece relações com a própria vida e com acontecidos com outras pessoas ou fatos reais relatados em jornais ou fictícios em novelas e filmes. Há uma infinidade de exemplos vivenciados no nosso dia a dia, que podem ser resgatados através da fábulas e provérbios.

Estabelecer relações, criticar, descobrir quem são os corujões, burros, leões, tigres e formiguinhas da nossa sociedade, analisar se as ações desses personagens (cidadãos) são éticos e justas... são discussões que, se estabelecidas pelo professor, estará exercitando a cidadania de forma lúdica.

HISTÓRIAS INFANTIS: CONTRIBUIÇÕES PRÁTICAS.

Pesquisas têm mostrado que os adultos que tiveram contato com histórias infantis, seja como ouvintes, seja como contadores, possuem uma vida feliz, mais harmoniosa e maior facilidade em lidar com questões de cunho sentimental.

A criança, ao ouvir ou contar histórias, tem a oportunidade de estar em pleno desenvolvimento de suas funções cognitivas, afetivas e emocionais, podendo tornar-se um leitor, um inventor, um criador.

É através delas que descobrimos palavras novas, entramos em contato com a musicalização, com locais, com fatos históricos e geográficos, datas, expressão, oralidade e outras formas interdisciplinares de socialização.

Tem-se a oportunidade de compartilhar emoções, despertar o prazer da escutar o outro e de estar em convivência com o grupo. Pode-se fazer e refazer, produzir e reproduzir, no sentido de reconstruir imagens na mente do passado, estimular a criatividade do passado. É importante que o professor utilize vários modelos de histórias infantis, ou seja histórias clássicas, histórias inventadas, utilize também diversos tipos de linguagem, dando assim subsídios para que o aluno se expresse.

Antes mesmo de escolher uma história, é preciso que o professor conheça bem seus alunos, seus sonhos e interesses. Assim, saberá qual história se adaptará à realidade dos educandos.

Quanto ao tema, podemos recorrer a diversas fontes: contos de fadas, fábulas, lendas folclóricas, fatos históricos, passagens bíblicas, parábolas etc. Mas tudo isso respeitando as faixas etárias:

- AOS 3 ANOS = Histórias de bichos, de brinquedos, animais com características humanas, histórias cujos personagens são crianças.
- ENTRE 3 E 6 ANOS = Histórias com bastante fantasias, com fatos inesperados e repetitivos, histórias com presença de crianças e animais.
- 7 ANOS = Aventuras no ambiente conhecido, contos de fadas e fábulas.
- 8 ANOS = Histórias que utilizam a fantasias de forma mais elaborada, histórias vinculadas à realidade.

- 9 ANOS = Aventuras em ambientes distantes, contos de fadas, com enredo mais elaborado, histórias humorísticas, aventuras narrativas de viagens, explorações invenções.
- 10 ANOS = Narrativas de viagens, explorações, invenções, mitos e lendas.

Esses dados podem variar de criança para criança.

O tema deve aliar a necessidade do professor aos objetivos e procedimentos a serem desenvolvidos.

Após a escolha da história é preciso entendê-la, preparar a narração, fazer adaptações, decidir recursos e técnicas.

Um bom contador de história deve narrar com naturalidade, usando gestos e variações de voz, de acordo com cada personagens ou situação, mas sem exagero. Não ignorar as interferência e ajuda dos alunos, afinal, o ouvinte, além de ouvir, deve participar. Quando o aluno participa ativamente de uma história, pode ser sinal de que algo está tocando em seu imaginário.

A FAMÍLIA COMPARTILHANDO SUA HISTÓRIA

Muito me preocupa a distância que vem se manifestando entre os membros que compõem a família. Às vezes amarrados pelo sistema capitalista, se tornam solitários, e diante da tecnologia se individualizam, desperdiçando a oportunidade de rirem juntos de uma boa comédia. O lúdico, o imaginário, o diálogo estão sendo esquecidos, abandonados, substituídos por jogos eletrônicos individuais, com seus gestos agressivos. As crianças estão cada vez mais sós em seus lares, vendo os pais cada vez menos, devido a questões econômicas e sociais.

Crianças de classes sociais menos favorecidas, devido às circunstâncias, cada vez mais cedo estão tendo que trabalhar e muitas vezes tendo que contribuir para o sustento da família, e dispendo do seu precioso direito de brincar e estudar recursos que são básicos para sua socialização e formação intelectual .

Toda essa carência em relação a afetividade, o furto do lúdico, o desconhecimento de suas raízes culturais, repercutem diretamente na escola. Enquanto que em casa, onde tudo é tão mecânico, nada se percebe.

A escola deve promover possibilidades para que as famílias se conscientizem da necessidades de manter ou construir laços afetivos. Lançando responsabilidades, trazendo para dentro da escola suas histórias, que podem ser contadas, gravadas, filmadas ou escritas e finalmente apresentadas na escola.

São várias as estratégias, basta usar a criatividade. Com esse projeto, os objetivos à serem alcançados serão muitos, dentre eles: trabalhar as diversidades de sentimentos entre várias situações vivenciadas, estreitando o vínculo entre família e escola, além de resgatar a auto-estima dos alunos e de seus familiares, despertar o hábito da leitura, o prazer de contar e ouvir histórias, valorizar a história pessoal de cada um.

Numa tentativa de resgatar a auto-estima dos alunos, coloquei em prática o projeto E por falar em saudades...

Depois de trabalhar as emoções, com a participação dos pais, as crianças ficaram muito mais alegres e perderam o medo de expressar suas idéias, suas emoções. O trabalho despertou o diálogo e resgatou valores, A maioria das crianças, conviviam com pais separados, desempregados, mães agredidas moral e fisicamente, alcoolismo e drogas. Problemas que afetam diretamente o desempenho escolar. Foi para lidar melhor com a situação, que, depois de um diálogo com a diretora e com a psicóloga da escola onde trabalho, surgiu o E por falar em saudades...

O projeto é baseado na história Colcha de retalhos, de Conceil Corrêa da Silva e Ney Ribeiro Silva. Outro texto, Descobrimos sentimentos de Paula Boulanger Noce, inspirou a escolha do tema saudade, que aguçou a curiosidade e mexeu com a emoção da criança.

Saudade foi o tema trabalhado. Saudade da avó que morreu, dos tempos de criança, de quando os filhos eram bebês. Os alunos se interessaram e interagiram com os pais, chamados a participar do projeto. Depois que o livro foi lido em casa, com a família, os pais enviaram um pedacinho de pano com sua história. Vieram fotos, relatos desenhos, e assim nasceu a Colcha de retalhos, na versão da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ederaldo Rosseti.

Para identificar sentimentos, os alunos leram e dramatizaram outras histórias infantis, além de assistirem a vídeos, como A Bela e a Fera. As crianças descobriram que todo mundo sofre, e não apenas elas.

Esse projeto foi realizado entre abril e junho do ano de 2005

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Produzir o memorial, foi para mim uma oportunidade em que pude exteriorizar meus sonhos e emoções, minhas ansiedades e angústias, meus prazeres, minhas esperanças, meus objetivos e convicções. Pude voltar ao túnel do tempo para reviver pessoas, momentos que foram e continuam sendo importantes em minha vida. Tive a oportunidade também, através da pesquisa, ampliar meus conhecimentos e ter a sensação de ter me aventurado numa viagem emocionante, e encontrado no fundo do mar um baú repleto de riquezas (meus conhecimentos).

O Proesf, me fez refletir sobre minha prática e perceber a importância de ver o aluno como um todo. Antes eu o via de forma fragmentada e acreditava nisso como se fosse uma verdade absoluta. Hoje, que me vejo transformada graças ao curso numa professora observadora e pesquisadora, vejo meu aluno como um sujeito composto de sentimento, capacidade, criatividade e autonomia.

Todas as disciplinas me proporcionaram conhecimentos, mas algumas se sobressaíram mais, diante da criatividade e flexibilidade que são: Teoria pedagógica e Produção em Ciências e Meio Ambiente, Teoria Pedagógica e Produção em Geografia, Pedagogia da Educação Infantil e Temas Transversais.

O curso me transformou numa eterna aprendiz. Me sinto motivada para buscar mais conhecimentos através da leitura, da pesquisa e também da troca de idéias com outros colegas professores. Tenho interesse em pesquisar sobre a importância do teatro na vida da criança. Mas por enquanto fico por aqui. “A mente que se abre a uma nova idéia jamais voltará ao seu tamanho original”.(Einstein 2004 p.66).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BUSQUETS, Maria Dolors. CAINZOS, Manoel. FERNANDES, Teresa. LEAL, Aurora. MORENO, Montserrat. SASTRE, Genoveva. *Temas Transversais em Educação. Bases para uma formação integral*. São Paulo: Ática, 1998.

BAJARD, Elie. *Ler e Dizer*. São Paulo: Cortez, 1994.

BANDEIRA, Pedro. *A Razão do Mais Forte*. São Paulo: Seed Editorial.

BRASIL, Ministério da Educação. *Viagens de Leitura*. Brasília, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. *Guia do Livronauta*. Brasília, 2001.

CURY, Augusto. *Pais Brilhantes/ Professores Fascinantes*. Rio de Janeiro: Sextante 2003.

DRAGO, Rogério. História Infantil: Contribuições para uma prática pedagógica socializadora. *Revista do Professor*. Porto Alegre. N.º 50, p. 9-11 out./dez..1998.

FARIA, Ana Lúcia Goulart. MELO, Suelly Amaral. *Linguagens infantis*. Campinas: Autores Associados, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. O papel do brincar na cultura contemporânea. *Pátio Educação Infantil*. Porto Alegre. N.º 3, p. 14-15. dez.2003/jan.2004.

GODOY, Célia. *Como escolher uma história infantil e obter sucesso!*. PCN. São Paulo. N.º 3, p 7 out./dez. 2000.

MARCELINO, Nelson C. *Pedagogia da Animação*. Campinas: Papyrus 1990, Cap. II, p 53-89.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura na escola e na biblioteca*. 5ª edição, Campinas: Papyrus, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *De olhos abertos*. São Paulo: Ática S.A 1991.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre: Ática S.A 1983.

UNDIME, União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação. *A Família Vai à Escola. Pátio Educação infantil*. Artmed ago./dez. 2004.